

Matthew Scully

Domínio

O poder humano, o sofrimento dos
animais e o apelo por misericórdia

Tradução de
Catharina Epprecht

1ª edição



Rio de Janeiro
2018

Sumário

<i>Introdução</i>	11
1. Das coisas que são	17
Apenas dor	18
Nas suas mãos	29
Ética prática	40
Crueldade divina inconsequente	45
Este mundo adorável	49
Petiscos saborosos	59
2. Campo de tiro	71
Peles e ossos	73
Assumir a causa	77
Caçada justa	83
Fábrica de cervos	90
Homens influentes	97
Caça de planície	104
Os curadores	110
Nimrod.com	115
3. Questões importantes	125
Seguir adiante	128
O Senhor da Misericórdia	133
<i>Laissez-Faire</i>	139
A cozinha imperativa	149
Mais profundo que a escolha	154
A Bíblia da Prosperidade	164
De volta ao rancho	171
Pense outra vez	176
Leve náusea	182
4. Riquezas do mar	190
Deixem as baleias para o jantar	191
Culpa coletiva	196
Tempo de morte	201
Uso sábio	207
Pesquisa científica	214

Imperialismo cultural	224
Um peixe corajoso	233
Santuário	245
5. Leis	251
Território desconhecido	254
O Baile de máscaras	262
“Quer nozes”	273
Pensar no pensar	282
Respeito profundo	296
O gene do estresse	304
Conhecimento sem amor	311
6. Das minhas necessidades	318
Intensidade administrativa	321
A Nova Agricultura	325
Requinte e sofisticação	333
Geração magra	338
Para seu próprio bem	346
Peça a peça	355
7. A natureza e o Deus da Natureza	367
Males necessários	369
Não farás	376
Verdades evidentes	381
O teste do espelho	388
Um crime contra a natureza	396
Recomeço	413
Justiça compulsória	427
8. Justiça e misericórdia	442
Carnificina	446
Abominação	454
Escolha de Noé	464
Pecar bravamente	472
Eles conhecem a dor	489
Os bons pastores	494
<i>Notas</i>	503
<i>Agradecimentos</i>	531
<i>Índice</i>	535

Disse Deus: “Que a terra produza seres vivos segundo sua espécie: animais domésticos, répteis e feras segundo sua espécie.”, e assim se fez.

Deus fez as feras segundo sua espécie, os animais domésticos segundo sua espécie e todos os répteis do solo segundo sua espécie, e Deus viu que isso era bom.

Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança, e que ele domine sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra.”

GÊNESIS I: 24-26

Introdução

Começou com um porco em um abatedouro britânico. Em algum ponto na linha de produção observou-se que ele tinha aftas na boca e salivava. As piores suspeitas foram confirmadas, e depois de alguns dias fronteiras se fecharam e um plano de ação foi determinado. Logo a Inglaterra e o restante do mundo viram centenas e depois milhares de porcos, vacas e carneiros, com seus filhotes recém-nascidos, serem levados para fora das áreas de criação, mortos a tiros, jogados em piras flamejantes e enterrados por tratores em sepulturas lamacentas. Há relatos de gado em pânico, perseguido por atiradores, animais atropelando uns aos outros para tentar escapar. Alguns ainda se mexiam ou piscavam um dia depois de levarem os tiros. A praga, nesse ínterim, espalhara-se pelo continente europeu, onde o mesmo ritual se repetiu até que, no fim, mais de 10 milhões de animais tinham sido exterminados. Para fechar a história com um esperado final feliz, ouviu-se um bezerro debaixo do corpo morto de sua mãe no meio de uma pilha de carcaças que seriam queimadas. Batizado Fênix, como o pássaro que renasce das cinzas, o bezerro foi poupado.

O jornalista Andrew Sullivan viu nessas cenas “um horrendo nada”,¹ algo naquilo deixou todos enojados, tristes e com uma sensação de vazio. Mais de um ano depois de a última cova ter sido fechada, ainda era possível lembrar-se das reações, porque foi um daqueles eventos que nos fazem parar e questionar preceitos básicos. Sabia-se que algo terrivelmente errado havia acontecido, algo vasto e solene que estava além do poder das vacinas, do fechamento de fronteiras e do abate dos mais fracos. Os fatos se apresentaram em toda a sua simplicidade: lá estavam criaturas inocentes, que mereciam mais consideração; simplesmente não podemos tratar a vida desse jeito. Ainda que apenas por um instante,

nos demos conta de que aquilo não era necessário, que fomos nós os responsáveis pelo que estava acontecendo aos animais e a nós mesmos. A febre aftosa é um mal passível de tratamento e de cuidado veterinário, tem vacinação preventiva e não é letal nem para humanos nem para o gado. Esses animais, milhões que sequer estavam infectados, foram mortos apenas pela queda de seu valor de mercado e porque esse mesmo mercado requeria políticas de controle, ou seja, foram abatidos porque, diante das circunstâncias, essa era a solução rápida e conveniente. De acordo com o entendimento que passamos a ter, essas criaturas tinham perdido valor. Para elas, a diferença entre o que aconteceu e o que, mais cedo ou mais tarde, aconteceria era apenas questão de tempo. Para nós, a diferença foi a visibilidade. Dessa vez, nós tivemos de enxergar.

Enquanto isso tudo acontecia, no início de 2001, as pessoas que em geral se apressam em alertar contra o “sentimentalismo” para com os animais estavam caladas. Diante das piras flamejantes nos campos, ninguém poderia dizer que a humanidade estava pegando leve. Pelo contrário, as imagens mostravam frieza e abandono. Era uma “doença econômica”,² como se chegou a chamar; na hora do desespero, vieram à tona atos que estavam desde sempre sombriamente fadados a acontecer.

Havia algo de familiar no drama, porque estranhamente a humanidade parece estar ficando, ao mesmo tempo, mais sentimental e mais implacável com os animais. Em nenhum período da história houve tanta preocupação com eles, tanta curiosidade e cuidado. Mas também não houve época em que sofressem punições tão cruéis e com tamanha despreocupação, como aconteceu nas cenas testemunhadas naquela fazenda industrial. Aliás, é difícil conceber esses lugares, mesmo longe das crises que vez por outra nos chamam atenção. O recorrente assombro europeu com a “vacca louca” surgiu com a prática, antes inimaginável, de alimentar animais com farinha dos restos de outros animais. Fazendeiros de gado mundo afora estão virando “produtores”, seus estábulos se tornaram “estruturas de confinamento em massa” e os abatedouros são hoje vastas “usinas de processamento” que despacham animais – “unidades de produção” – em um ritmo furioso de centenas por minuto.

Quando 250 mil pássaros estão espremidos num viveiro e incapazes até de esticar suas asas; quando mais de um milhão de porcos sobrevive em apenas uma área de chiqueiros, sem jamais pisar em algum lugar a céu aberto; quando a cada ano dez milhões de criaturas seguem para o abate sem ter contato com a menor demonstração de bondade humana – é tempo de repensar preceitos antigos e perguntar o que estamos fazendo e o que nos move. Como alertou o senador Robert C. Byrd, em julho de 2001, num comentário sem precedentes no Congresso americano, “nosso tratamento desumano em relação ao gado espalha-se e se torna cada vez mais bárbaro. (...) Tal insensibilidade é pérfida e pode se propagar de forma perigosa. Num mundo civilizado, a vida tem de ser respeitada e deve-se lidar com ela de modo humano”.³

A atitude descrita pelo senador Byrd já chegou à caça esportiva, que se torna cada vez mais fria e sistemática, na medida em que o número de caçadores decresce. Hoje, caçar envolve um estranho aspecto agropecuário, uma vez que animais selvagens são criados, procriados e mantidos em cativeiro para serem perseguidos e mortos, e até elefantes ficam confinados em parques de caça para serem “colhidos” por esportistas ocidentais com métodos que mais parecem execuções. A vida selvagem em todo o mundo vive em estado de perpétua fuga do desenvolvimento humano, até que diversas espécies não tenham mais para onde ir, como se vê há gerações, no longo adeus dos homens a elefantes, ursos, gorilas, tigres, lobos, pandas e outros bichos que simplesmente não têm mais espaço para viver e crescer.

Até as baleias continuam a ser caçadas, e isso muito depois de se ter declarado moratória internacional e derrubado qualquer argumentação razoável de que a caça era necessária. Com armas e métodos ainda mais cruéis, que não dão possibilidade de fuga, muitos outros animais que mereceriam um alívio, uma vez que há substitutos para suas peles e carnes, continuam sofrendo. Da África à Costa Oeste dos Estados Unidos, passando pela floresta amazônica, é o destino de muitas criaturas selvagens – do elefante à baleia e ao golfinho – ser desprezados, ou talvez desejados demais, pelos seres humanos; depreciados como

ameaça ao progresso ou almeçados como meio para o progresso; amados e brutalizados ao mesmo tempo.

Enquanto isso, em nossos laboratórios, vemos os novos e estranhos seres criados pela humanidade, geneticamente modificados, clonados e até mesmo patenteados como qualquer outra mercadoria de produção em massa. Apesar de todas as suas possibilidades para o bem, essa nova ciência da engenharia genética traz as mais obscuras implicações para os animais, ao nos dar não apenas poder para usá-los, mas também para refazê-los. Isso acontece em um momento delicado, quando pesquisas de um tipo bem diferente chegam em um momento delicado e revelam, sem margem de dúvidas, a inteligência de diversos bichos, sua sensibilidade emocional e sua capacidade de felicidade e sofrimento.

Cuidados com seres vivos trazem consigo problemas complicados de economia, ecologia e ciência, mas acima de tudo nos confrontam com questões de consciência. Muitos de nós parecem ter perdido, em relação aos bichos, qualquer senso de comedimento, compreensão de limites naturais, respeito por eles como seres com necessidades, desejos e propósitos. Com frequência, consideramos que nossos interesses vêm primeiro e que tudo que precisamos saber é se são proveitosos e convenientes. Com isso, assumimos que todas as outras criaturas com as quais dividimos este planeta estão aqui por nossa causa e apenas por nós. Em resumo, acreditamos que somos tudo, e elas, nada.

Cada vez mais, animais são um teste de caráter, empatia, decência, conduta digna ou cuidado confiável da humanidade. Devemos tratá-los com bondade, não porque eles tenham direitos ou poder ou por conta de alguma argumentação sobre igualdade, mas, pelo contrário, pelo que eles não têm, porque estão em um lugar assimétrico e de impotência diante de nós. É tão fácil negligenciá-los ou jogá-los para baixo do tapete! Onde quer que nós, humanos, entremos em seu mundo, seja em fazendas ou em abrigos da savana africana, chegamos como senhores, donos de poderes extraordinários de terror e compaixão.

O domínio, como chamamos esse poder na tradição ocidental, demanda consideração moral, e tentei, nas páginas que se seguem, oferecer a minha. Espero trazer também um senso de confraternização

certamente partilhado por muitos leitores – uma sensação de que todas essas criaturas não estão aqui por nós, mas conosco. Embora a razão deva nos guiar para derrubar padrões e leis que dizem respeito a animais, ao examinar os argumentos daqueles que rejeitam tais padrões, é melhor, em qualquer questionamento moral, começar com sua motivação original – o que, no caso dessas criaturas, podemos chamar, sem embaraço, de amor. Seres humanos amam animais como o mais alto ama o mais baixo, como os sábios amam os inocentes, e os fortes amam os vulneráveis. Quando nos compadecemos com o sofrimento animal, esse sentimento fala sobre a humanidade, mesmo se o ignoramos. Aqueles que minimizam o amor por uma criatura semelhante a nós, chamando-o de sentimentalismo, rejeitam uma parte boa e importante da humanidade.

É verdade, como constantemente somos lembrados, que tratar bem os animais está entre as obrigações mais simples da caridade humana – e por isso mesmo é negligenciada com facilidade. Ao mesmo tempo, como sempre haverá injustiça e sofrimento humano no mundo, pode parecer que os erros cometidos com animais sejam menores e secundários. A resposta para as duas questões é que a justiça não é uma mercadoria limitada, tampouco a bondade ou o amor. Injustiça e sofrimento não são desculpas para acreditar que fazer mal aos animais é menos importante do que aos humanos e que, por isso, devemos nos concentrar nesses últimos. Um erro é um erro, e em geral os pequenos, quando fingimos não vê-los, proliferam-se e fazem os maiores males a nós mesmos e a outros. Acredito que isso acontece hoje em relação aos animais. As piras na Europa foram um sinal exigindo uma prestação de contas pelo tratamento que a humanidade tem dado aos animais, ou apenas uma pista do que está por vir.

Depois da crise da febre aftosa, o ex-congressista Matthew Parris, ao escrever para o conservador *Spectator*, notou que “lentamente, a maré de sentimento moral está mudando. A primeira mudança é inconsciente. Nos sentimos não exatamente *contrários* a algo, mas levemente desconfortáveis.”⁴ Espero que ele esteja certo, e que mais de nós passemos do desconforto moral para a convicção moral. Espero

que o bem-estar animal receba mais da atenção pública que merece, levando a uma reforma legal, não apenas no que diz respeito ao tratamento que damos às criaturas que hoje são abatidas aos bilhões, mas a toda impiedade, ganância, covardia e crueldade humanas. Se o sr. Parris estiver certo, e o espírito de bondade e clemência com os animais estiver surgindo no mundo, espero que este livro possa encorajá-lo.

1. Das coisas que são

“E o que é esse Deus?”, (...) interroguei a terra e ela respondeu: “Não sou eu”, e todas as coisas que nela existem responderam o mesmo. Interroguei o mar, as profundezas e os seres vivos que rastejam, e todos eles responderam: “Não somos o teu Deus. Procura acima de nós.” Interroguei as brisas que sopram, e todo o ar com seus habitantes responderam: “(...) Não sou Deus.” Interroguei o céu, o sol, a lua, as estrelas e eles disseram-me: “Não, nós não somos o Deus que tu procuras.” E eu disse a todas as coisas que rodeiam os portões dos meus sentidos: “Falai-me algo do meu Deus, já que não sois vós. Dizei-me algo a respeito.” E, com voz forte, eles exclamaram: “Foi ele quem nos fez.”

SANTO AGOSTINHO, CONFISSÕES, LIVRO X: 9

A humanidade foi afastada para sempre do mundo natural no momento em que alcançou a razão e a linguagem, tenha sido esse fato de origem natural ou sobrenatural. A partir daí, nada jamais foi o mesmo. Mas é incrível que, apesar do poder sem limites que exercemos sobre os animais, muitos de nós ainda nos preocupamos com eles, possamos nos deliciar com sua companhia, admirá-los de longe ou ainda nos compadecer de suas dores quando são atacados ou estão em perigo diante de nós.

Confesso que não sou uma pessoa particularmente devota ou pia. Mas os bichos, com suas pequenas alegrias e fardos, sempre despertaram

algo em mim – algo que julgo difícil expressar a não ser no idioma da devoção. Talvez seja o caminho de Deus para ser compreendido pelos mais lentos e obstinados, mas o fato é que, se você se importa com animais, deve ter em mente o porquê. Visto de certo ângulo, isso desafia qualquer lógica, em geral envolvendo – como no caso dos bichos de rua que chegam às nossas casas ou os de estimação – toda sorte de inconveniência e preocupações a mais, tudo dispensável. E a única boa razão que penso para nos preocuparmos com eles é que são criaturas como nós, partilham conosco o mesmo sopro de vida, cada um do seu jeito, mas todos com a inconfundível marca divina.

Sei que esses seres vivos não têm uma razão comparável à nossa, que suas vidas, lugares, propósitos no mundo são diferentes dos nossos; tenho plena noção de que seu mundo é em geral violento, *nature red in tooth and claw*, como descrito por Tennyson.* Mas também sei que não há como tomar conhecimento do propósito dessas criaturas entre nós; seja ele qual for, trata-se de algo misterioso. E não importa qual a medida de felicidade que o Criador designou para elas, essa felicidade não é algo a lhes ser tirado por nós, algo de que possam ser privadas por capricho ou malícia.

APENAS DOR

Alguns leitores podem argumentar que os animais evocam fantasias, se não a heresia, naqueles que lhes atribuem significado moral. Ainda assim, em geral tenho para mim que o mais violento entre nós é aquele que vive na fantasia, numa ilusão de que as coisas da natureza não significam nada e de que tudo é permitido.

O sentimentalismo em relação aos animais pode ser excessivo, assim como o realismo cruel, que vê apenas o que quer nos seres vivos, sem ver os seres em si. Apenas pelo fato de nos inspirarem

* “Tho’ Nature, red in tooth and claw” (Embora a Natureza, vermelha em presa e garra), do poema “*In Memoriam A.H.H.*”, de Alfred (Lorde) Tennyson. (*N. da T.*)

humildade e deslumbramento, essas criaturas já nos são de grande significado. Nenhum pardal cai sem que Deus o perceba, mas nós não damos a isso a devida importância para que o notemos. Talvez seja esse o motivo de muitas crianças serem tão ligadas a animais; elas veem tudo com frescor, sem serem refratários às imagens milagrosas que surgem deles, esses seres animados que correm, latem, arfam ou trinam. Animais também dividem com as crianças o laço da extrema vulnerabilidade. Os dois são os primeiros a sentir o âmago da aspereza humana.

Minhas memórias mais antigas são as de perseguir o rastro deixado por um coelho na neve do quintal nos fundos de minha casa. Eu devia ter uns 3 anos e nunca tinha visto um coelho, mas ainda lembro bem o sentimento de completa fascinação com o rastro: *alguém* estivera lá. E deixara aquelas marcas, estava vivo, morava ali por perto e talvez estivesse até me olhando naquele exato momento...

Quarenta anos depois, ninguém precisa me lembrar que coelhos são uma dor de cabeça para fazendeiros e jardineiros. Mas ao se olhar um coelho e ver apenas uma peste, um animal daninho ou um alimento, mercadoria ou objeto de laboratório, não se está mais vendo um coelho, mas apenas a si mesmo, as estruturas e os desejos que o ser humano traz ao mundo. Ao enxergar desse modo, pense nisso, você tem a perspectiva de um animal, e não a de um ser moral, com visão moral – a mesma perspectiva de um ser daninho, entre bilhões deles que se agitam, pula, ou escavam buracos pelo planeta. Coelho são capturados por seus inimigos, como a raposa e o lobo, num bote sangrento. E é isso. São criados em gaiolas aos milhões para servirem de comida e para a pesquisa médica, por pessoas com questões maiores e mais urgentes na cabeça do que o lugar desses animais na criação. Nada demais, se visto de cima. E ainda assim, dizem-nos que Deus tudo sabe e tudo vê – e eu acredito nisso.

Em seu *O macaco nu: Um estudo do animal humano*, de 1967, Desmond Morris descreve sete estágios de nossa visão dos animais, cada uma a refletir uma fase diferente de nosso desenvolvimento psicológico. Uma delas, por exemplo, é a infância, “quando somos comple-

tamente dependentes de nossos pais e reagimos fortemente a animais muito grandes, usando-os como símbolos de pais.”¹ Em seguida vem a fase infantil-parental, quando percebemos animais menores como substitutos simbólicos de crianças, mecanismo similar ao de uma das últimas fases, o estágio pós-parental. Há ainda a fase senil, quando se tem uma grande preocupação com animais em extinção.

Eles têm de ser “salvos”. A equação simbólica aqui envolvida é bastante óbvia: o indivíduo senil está à beira de se tornar pessoalmente extinto e assim emprega animais raros como símbolo de seu destino iminente. Sua preocupação emocional de salvá-los da extinção reflete seu desejo de prolongar a própria sobrevivência.²

A popularidade da proteção aos animais entre os jovens surgiu, ele teoriza, do crescimento do medo da explosão nuclear, “de modo que agora todos temos necessidade emocional de animais que sirvam como símbolos de raridade”.³

Há, sem dúvida, alguma verdade na visão puramente evolutiva e psicanalítica de Morris de que animais são símbolos para nós – e eu odeio pensar em qual seria sua opinião sobre minha história do coelho. Os animais têm aparecido na nossa arte e literatura ao longo do tempo, representando tudo, de tentação a virilidade, temor e inocência injustiçada. Acredito que hoje se poderia colocar, como fonte de interesse sobre “símbolos de raridade”, no lugar da ameaça iminente de aniquilação (como proposta por Morris), uma sensação bem difundida de alienação e desligamento ao mundo natural.

Mas falta à visão do “macaco nu” o ser humano como ser consciente, o símio que pode em vários momentos captar algo além das próprias necessidades físicas e fisiológicas. Em todas essas teorias, Morris encontra apenas razões científicas ou estéticas para proteger qualquer criatura ou espécie, como o “corte controlado” de animais ou outros meios semelhantes – em qualquer caso a proteção é para nós mesmos. Em minha opinião, ele dá pouca atenção a uma das fases: o estágio da empatia, quando se começa a perceber até o mais comum dos animais

em seus próprios termos, criaturas do mesmo tipo que nós, com suas próprias necessidades e dificuldades, e que estão lado a lado conosco diante do mistério da vida e da morte – e, francamente, por maiores que sejam nossos dotes, essas criaturas não são menos esclarecidas que o mais sábio dos macacos nus no que diz respeito ao significado da existência.

Essa afinidade é, para mim, razão suficiente para começar a demonstrar o máximo de cortesia possível, evitando qualquer mal desnecessário. Todos os animais já parecem correr bastante perigo. Quando os homens, com seus nobres dons e grandiosas ocupações, forem capazes de parar de pensar apenas no próprio bem-estar, simplesmente permitindo que esses animais vivam, não será necessário um reconhecimento de “direitos”. Trata-se de uma graça, um ato de clemência pelo qual teremos ainda mais crédito, uma vez que os animais não podem pedir por ele ou nos censurar caso não os atendamos, não podem sequer retribuir a gentileza. Um dia, precisaremos nós mesmos dessa bondade. E, pelo que vejo, não se pode esperar por compaixão caso não se esteja disposto a tê-la por outros.

Para compartilhar uma história menos sublime, senti um assombro parecido quando tinha mais ou menos 12 anos e matei um passarinho. Eu estava passeando com meu cachorro quando ouvi um pio. Debruçado na balaustrada da ponte, vi um sabiá se debatendo na correnteza. Era um filhote, bem machucado, com a asa sangrando e, presumi, não estaria por muito mais tempo entre nós. Talvez um gato tivesse feito aquilo. A lembrança do que fiz ainda me volta às vezes. Eu o tirei do rio e o coloquei na beira d’água, tentei afagá-lo, falei com o sabiá e disse que sentia muito pelo que tinha de fazer. Então, para acabar com seu estado miserável, eu o esmaguei com uma pedra.

Era uma pedra grande, devia ter uns nove quilos. Em meio à massa espatifada, vi seu coraçãozinho e fiquei horrorizado com a brutalidade do que eu fizera, matando aquela pequena criatura tão bem-feita e que tanto lutava para se manter viva. Naquele momento, parecia que minha atitude era a única alternativa, como costuma acontecer quando o ser humano traz sua força esmagadora para o mundo animal.

Essa dependência servil diante do mestre sempre foi minha visão no que diz respeito a animais domésticos. Os primeiros foram provavelmente filhotes de animais caçados, afinal nem mesmo aqueles destemidos matadores dos primórdios estavam imunes aos balidos e choramingos de órfãos. Para muitos hoje o último laço verdadeiro com o mundo animal, os bichos de estimação parecem ainda agradáveis forasteiros no nosso mundo (ou dignitários estrangeiros, como parecem pensar às vezes), comicamente fora do lugar, mas fingindo se enquadrar ou ser um de nós, tentando não ser encontrados e deportados. Eu ainda rio quando vejo cachorros andando na rua como se tivessem um propósito, algo a fazer ali adiante, no meio da civilização, ou quando estão em carros, a cabeça balançando para fora da janela numa felicidade sem fim, sentindo os cheiros e o vento.

Alguns defensores dos direitos dos animais pedem que se evite a palavra *pet*.^{*} De minha parte, acho que esse é um título perfeitamente valioso e honroso, que capta a profunda confiança dessas criaturas em nossa boa-fé, assim como sua absoluta e deliciosa inutilidade para além da afeição mútua. “Animal de companhia”, a alternativa sugerida à *pet*, traz uma ideia levemente falsa, como se nossos cachorros e gatos pudessem sair pelo mundo e procurar algo melhor caso o relacionamento não desse certo, pois a dependência e a confiança são justamente o propósito e a graça disso.

Não é possível saber ao certo, só se pode imaginar como é o mundo para um sabiá, um coelho, um elefante ou um lobo. Trata-se de um dos mistérios que a ciência pode abordar mas nunca atingir totalmente, tal como o mistério do nosso próprio coração ou da mente. Os que vivem mais, como os símios e os elefantes, parecem ter algum senso de mortalidade, mas seria um exagero dizer que compreendem isso. Envoltas pelas realizações e progressos humanos, assim como pelo seu

^{*} *Pet* é o termo mais usado para designar “animal de estimação” em inglês, mas algumas entidades defendem que é nociva a ideia de que o propósito desses bichos é ser mimado (*petted*). (N. da T.)

empenho e brilhantismo, essas criaturas apenas seguem, como sempre seguiram: raramente enxergam além do dia ou tomam conhecimento de seus destinos, imperturbáveis, até onde sabemos, sem se importar ou ter a menor ideia dos profundos problemas da existência e de seu significado. Para elas, a não ser em termos meramente evolutivos, não existe história ou progresso; seu mundo é de desejo e medo, cru. E a felicidade que a vida oferece está nos intervalos entre os momentos de perigo, quando comem, brincam ou estão em paz – nós mesmos chamamos isso de conforto. Isso é parte do encanto dessas criaturas, a satisfação com o momento e como frequentemente olhamos para elas e reconhecemos algo de nós mesmos.

Muitos cientistas e filósofos insistem que essas semelhanças são uma ilusão. Acreditar que animais têm pensamento consciente ou emoção é considerado “antropomorfismo”, a atribuição de características exclusivamente humanas a animais. Como aponta Stephen Budiansky em seu estudo sobre a inteligência animal, mesmo cães, primatas e elefantes estão programados para “imitar” algo semelhante à dor e à alegria. Ele acredita que nos enganamos ao observar as reações neurofisiológicas desses seres a estímulos externos se acreditamos que eles têm pensamentos e sentimentos. Trata-se de algo genético e essas criaturas não têm a menor ideia do que acontece com elas. Seja qual for a dor que apresentem, argumenta o sr. Budiansky (que escrevia sobre assuntos ligados à natureza para o *U.S. News & World Report* e era defensor da caça comercial de baleias e elefantes), é apenas dor – uma dor simples, não significativa e profunda como a *nossa* dor, uma questão científica intrigante mas moralmente desprezível.

Se for verdade, isso com certeza simplifica as questões da ética do domínio, afinal, se não houver algo como dor animal, tampouco haverá crueldade com animais. Como defende Budiansky:

A premissa dos “direitos” animais é que um animal é capaz de sensação e sentimentos, que, por essa virtude acima de tudo, ele merece consideração. Mas os sencientes não são nem sencientes, e a dor sequer é dor. Ou, talvez, de acordo com a diferença proposta por

Daniel Dennett, devêssemos dizer que dor não é o mesmo que sofrimento. (...) A capacidade de pensar nossas experiências transformam a emoção em algo maior e às vezes bem pior do que a simples dor. (...) Tristeza, compaixão, empatia, condolência, autocomiseração, enfado, angústia, desgosto, aflição, preocupação, apreensão, abatimento, pesar, melancolia, luto, reflexividade, abatimento, sensação de miséria, arrependimento, desespero – todos esses sentimentos expressam sombras da dor cujo único significado vem de nossa habilidade de pensar sobre os significados, e não sobre o que os animais sentem. (...) A consciência é um dom e uma maldição maravilhosos que, ao que tudo indica, não está no escopo da experiência senciente das outras criaturas.⁴

Claro que esse é o tipo de teoria que alguém elabora em conferências e periódicos científicos antes de ir para casa de noite e se jogar no chão e brincar alegremente com seu gato ou cachorro. Se seguíssemos o sr. Budiansky por um dia, nós sem dúvida o encontraríamos contradizendo sua própria tese com cada animal que encontrasse. Todos fazemos isso. Qualquer um que tentasse colocar em prática essa teoria da consciência – como acontece quando algum monstro é pego torturando gatos ou queimando filhotes vivos no quintal – seria repreendido, xingado e denunciado às autoridades.

Mas essa tese é anterior à do professor Dennett, ainda que a expressão “apenas dor” só pudesse surgir de um laboratório behaviorista. C. S. Lewis, em *O problema do sofrimento*, coloca uma questão parecida ao afirmar que a experiência animal é “uma sucessão de percepções” e não “uma percepção da sucessão”, o que daria sentido ao sofrimento. Mas Lewis completa:

Não teria como adivinhar até onde, numa escala de consciência, iriam essas sensações e sentimentos. Com certeza, é difícil supor que macacos, elefantes e animais domésticos não tenham, em alguma medida, um ego ou uma alma que experiencie e dê lugar a uma individualidade rudimentar.⁵

Poderíamos ainda perguntar o quanto de nossas próprias dores são sentidas na escala grandiosa, shakespeariana, de sofrimento trágico que o sr. Budiansky descreve. Um chute no traseiro não leva uma pessoa a uma crise existencial ou intensa agonia da alma. É apenas dor, e, como animais, nós gritamos. Quando machucados ou violentados, animais guincham, gralham, grasnam, latem, uivam, estrebucham e choramingam. Alguns tremem, transpiram e perdem o ar diante do perigo. Outros ficam apáticos e recusam comida quando abandonados ou isolados. Pelo que sabemos, a dor deles pode parecer mais imediata, boba, arbitrária e inevitável que a nossa. Mas caminhe por um mata-douro ou um viveiro e você vai se perguntar se o sofrimento animal não deve ser às vezes bem mais terrível e abrangente sem o benefício de palavras e conceitos que, para nós, não dão apenas um significado, mas também consolo. O que quer que se passe na cabeça dos animais, para eles, não é “apenas” algo.

E não importa se essas teorias vão contra nossos preceitos em relação aos animais. As mesmas indústrias que aderem a tais métodos usam em laboratórios gatos, cachorros, chimpanzés e outros bichos em testes de remédios e cirurgias – um exercício inútil a menos que a dor física seja semelhante à nossa. Aliás, ninguém que trabalhe com esses seres hesita ao dizer “o cachorro está feliz”, “o elefante está triste”, “o macaco anda de saco cheio” ou “o cavalo se sente solitário”. Parte da habilidade para treinar animais está em entender as emoções, estados de ânimo e particularidades de cada um, como comprova a prática de se colocar um cavalo do mesmo estábulo próximo a um animal de corrida para acalmar este, ou confortar uma ovelha durante a tosquia.

E acima de tudo, há estatutos de proibição de maus-tratos a animais nem sempre executados, mas que ainda assim refletem um consenso claro de que animais sentem dor e de que é obviamente errado lhes infligir um mal desnecessário. O dono da maior das fazendas industriais ou laboratório que use animais, caso pisasse acidentalmente no rabo de seu bichano, recuará e pedirá desculpas: “Desculpe, garoto!” Não é necessário nenhuma linguagem ou teoria elaborada para entender o sentimento intrínseco de um ganido ou um uivo: “Ei, olha o meu rabo!”

A prova mais clara da emoção animal, e que qualquer um que tenha um bicho de estimação pode notar sem precisar de nenhum registro prévio, é a do sonho dessas criaturas. Que outra comprovação é necessária, além do sonho, para se afirmar que um ser tem memória, sentimentos e uma vida interior? Talvez o cão alvoroçado no sono esteja sonhando não apenas com aventuras e brincadeiras passadas, mas também com coisas que deseje ou com o retorno dos que já se foram. Isso pode ser descartado como “anedótico”, não científico ou mera especulação. Mas ninguém que os tenha visto sonhando ou tendo pesadelos tem a menor dúvida do que esteja se passando. Foram observados filhotes de elefantes que, depois de verem suas mães massacradas, acordavam em convulsões e chorando. Na periferia de Jacarta, alguns anos atrás, uns trinta elefantes cercaram outros dois que estavam numa armadilha e montaram guarda por dias, bloqueando a passagem humana e arriscando suas próprias vidas.⁶ Tendemos a discutir animais abstratamente, mas o perigo não é nada abstrato. Uma vez que tais informações sobre os elefantes, por exemplo, sejam consideradas evidências, onde os promotores de carnificinas ficarão em nossa estimativa moral e diante das leis?

Jack London dá uma boa ideia de como deve ser a vida deles, descrevendo os humanos pelos olhos do lobo Caninos Brancos:

Com algo em comum, mas de modo bem distante daquele que os homens concebem seus deuses, Caninos Brancos percebia os bichos-homem diante dele. Eram criaturas superiores de verdade, deuses. Para sua curta compreensão eram operários das maravilhas como os deuses são para os homens. Criaturas com maestria, que possuíam todo tipo de poder desconhecido e impossível, mestres dos vivos e não vivos – fazendo obedecer tudo o que se movesse, dando movimento ao inerte e fazendo crescer vida e cores claras e chamejantes da madeira em decomposição e do musgo. Eram fazedores de fogo! Eram deuses!⁷

Temos poderes incríveis, é verdade, mas veja que bando de deuses lamentáveis alguns homens são. E o pior não é a crueldade, mas a arrogância, o excesso de confiança daqueles que só trazem violência e

medo ao reino animal, como se esse precisasse de mais de qualquer um dos dois. Essas vidas compreendem temores e atribulações suficientes sem os modernos fazedores de fogo, agora com armas perfeitas e inescapáveis, vagando em busca de mais diversão e excitação às custas deles, animais, mesmo que alguns morram. Cabe às criaturas-irmãs seu próprio lugar no universo, espaço que será ocupado se houver compaixão – o mais bravo lobo ou tigre, desprotegido contra o mais covarde dos homens. E a mim sempre pareceu vil e mesquinho, para não dizer vulgar, tratá-los com arrogância, como se seu quinhão na alegria e no pesar terreno fosse inconsequente, sem sentido, distante da atenção dos homens, como se essas sensações fossem menos importantes que qualquer interesse que se tenha neles, seja o interesse irracional ou maligno.

Essa crença é muito mais subversiva do que qualquer manifesto ambientalista ou de defesa dos animais porque demanda não apenas conservar e proteger, mas reservar um pouquinho de amor para esses seres. Quando se mata um elefante, se caça um lobo com armadilhas que lhes mordem as patas ou quando se carrega o gado para lá e para cá em caminhões como se fosse lixo, chamar o executor de sem compaixão é uma acusação bem mais grave do que chamá-lo de violador de direitos ou de desperdiçador de recursos. Ele ficaria bem mais ofendido, e deveria mesmo.

Para observar os “deuses” em ação hoje, basta trocar *Caninos Brancos* pelo *Wall Street Journal*. Histórias parecidas são lidas em qualquer jornal, mas nesse encontrei algo que capta bem o espírito que vejo imperar no mundo, uma horrenda combinação de crueldade antiga com consumismo moderno. Não se permite que essas criaturas sejam espectadores dos assuntos humanos, sobretudo dos assuntos econômicos. Postos para correr, mortos ou cercados nesses tempos prósperos, tanto pelo desenvolvimento quanto pela caça recreativa, os animais são tratados ainda mais sumariamente quando o assunto é econômico. Na Indonésia, como conta o correspondente Peter Waldman, os zoológicos e refúgios, que no passado

eram protegidos, hoje são saqueados – macacos, tigres e elefantes de Sumatra vendidos a ranchos de caça exótica, mercados de comida ou mesmo laboratórios:

Para estrangeiros em terra, as iguarias exóticas são uma pechincha pela moeda indonésia. Os pedidos velem de barco: o capitão de um pesqueiro de atum pede 12 jovens *Macaca nigra* – espécie de primata ameaçado de extinção –, que serão entregues ainda vivos em seu barco.

O pedido passa por morros cobertos de palmeiras até o vilarejo de Bingaguminan, à beira da Reserva Natural Tangkoko. Caçadores caminham dias buscando suas armadilhas no refúgio em plena selva para buscar os animais raros. As mães têm de ser mortas para que se consiga levar os filhotes.

A bordo da galé, os macacos são amarrados pelas mãos e pelos pés, para que espetos de bambu afiados perfurem seus crânios. Quando acabam as convulsões, o cérebro é servido cru.⁸

Só há uma força na Terra, fora a contenção física, capaz de impedir o capitão do barco. Ainda que o convencêssemos de que o macaquinho e sua mãe têm direitos, a cena poderia acontecer. Se explicássemos que se trata de espécie ameaçada de extinção, que pode em breve desaparecer do planeta e que só há poucas centenas deles no mundo, que o capitão talvez conseguisse algum outro meio de subsistência... não, nada disso o satisfaria. Apenas a consciência, talvez apenas o medo de Deus Todo-Poderoso, poderia segurar esse homem.

Quantas cenas como essa se passam diariamente em todo o mundo, sem que se note ou se relate? E é intrigante que, ao mesmo tempo, um número cada vez maior de pessoas esteja mais preocupado com animais e seu bem-estar. Enquanto os macacos encontraram seu destino naquela embarcação, em outros lugares do mundo primatas estão se comunicando com linguagem de sinais, virando páginas de revistas e impressionando pesquisadores com outros dons, como habilidades para matemática elementar e resolução de problemas. É verdade que, para nos

alcançar, essas criaturas ainda teriam um longo período pela frente, mas mesmo assim há algo grave aqui e que vai de encontro a práticas cada vez mais cruéis e disseminadas no mundo. Há aqui um descompasso entre compreensão e aplicação, o percebido e o permitido. Até que isso seja contemplado por nossas leis, o debate sobre a proteção dos animais só vai ficar mais amargo.

NAS SUAS MÃOS

Por um lado, os eufemismos da crueldade contêm uma certa franqueza tosca. Implicam a compreensão, ainda que obscura, de que algo deu errado. Por mais veementes que sejamos ao defender certas práticas, insistir nelas requer alguma firmeza. A descrição do que se pode ou não fazer na língua da moralidade soa cada vez mais forçada, mas isso não impede muitas pessoas de tentar justificar por meio da Ordem Divina seus caprichos e prazeres alcançados às custas dos animais. Esse, entretanto, é um domínio exclusivamente de poder, com elas mesmas no centro, e não Deus, apenas pompa, mas nenhuma bondade.

A palavra “domínio”, na tradição ocidental, foi confiada à humanidade. Muitas pessoas só parecem lembrar da parte do “enchei e subjugai”. Mas o trecho todo, lido literal ou alegoricamente, capta melhor que qualquer outro o drama disso tudo, o mistério que compartilhamos com outras criaturas, todos seguindo para a mesma escuridão, chamados pela mesma Voz. “Na vossa mão são entregues”, diz o Gênesis. Entregues vivos. “Então Deus formou o homem do pó da terra, soprou-lhe nas narinas o sopro da vida (...)” Daquele pó vieram as criaturas, respirando o sopro da vida. “Sede fecundos e multiplicai-vos.” Aos animais foram dadas as mesmas instruções. “E Deus os abençoou.” Também os animais seguiram com bênçãos para si.

Sempre sentimos o conflito. Por mais que o ser humano possa ter satisfação em seu comando das bestas, poucos de nós conseguem evitar um sentimento de empatia. Fazê-lo requer um ato especial de desejo, em geral seguido de arrependimento. “Sou um caçador”, nos diz o

general H. Norman Schwarzkopf no capítulo 2 deste livro. Ele falava ao Safari Club Internacional: “Posso puxar o gatilho ou optar por não puxar o gatilho. E deixo de ser caçador quando escolho não puxar o gatilho. Tenho obrigação de treinar a pontaria para ser certa e limpa. Tenho obrigação de evitar um sofrimento àquele animal. E quando estou diante do animal de que gosto tanto, derramo uma lágrima, e não sei por quê.”

A maioria de nós conhece esse sentimento e ele nos afasta desses passatempos. Seja qual for a abstração da ciência e da teologia que apliquemos, sabemos que animais não são como nós e, ainda assim, sabemos que tampouco são apenas objetos. Quando os vemos tratados como nada, uma parte de nós dói, padecendo com seus choros e tentativas de escapar. Do mesmo modo, também nos regozijamos quando vemos animais que conseguem escapar, mesmo que seja dos perigos da natureza selvagem em que todos nascemos e no qual devemos perecer.

Apenas o ser humano é capaz do “sofrimento nobre, sofrimento de que não se pode ser poupado nem é possível alterá-lo”, nos diz Viktor Frankl. “Nenhum animal pode fazer isso. Nenhum animal pode fazer nada disso. Nenhum pode se perguntar se sua vida tem ou não significado. Nenhum pode sequer transformar uma situação indesejável em realização – só o homem pode. Mas ao fazê-lo, ele alcançou o auge do que o ser humano é capaz.”⁹

É claro que isso é verdade – embora não seja verdade que para uma vida ter sentido esse sentido tenha de ser compreendido. Até onde se sabe, o ser animal não pode transcender sua dor. Um elefante acuado por caçadores junto a um pequeno charco, um cervo a fugir em uma perseguição ou atropelado numa estrada, um porco, um cordeiro ou um bezerro emboscado – nenhum deles consegue extrair significado de sua penúria, encontrar refúgio em Deus ou orar pela libertação. Mesmo assim, eles sofreram a privação, o medo, o pânico, a solidão e nós conhecemos esses sentimentos.

O termo “domínio” não traz insulto às criaturas-irmãs. Estamos todos no mundo com nossos dons e atributos. E os dons deles, os dons que o Criador lhes concedeu, são bons para muitas coisas,

embora simplesmente não sejam voltados para governar e controlar. Alguém tem de assumir o domínio e, ao dar uma olhada na Terra, parece que somos os melhores candidatos, exatamente porque nós, humanos, somos infinitamente superiores no que concerne à razão e os únicos capazes de conceber a justiça dentro de um domínio ainda maior que o nosso.

Alguns dos defensores dessa causa são cautelosos em relação à terminologia religiosa e partilham com o teórico da libertação animal Peter Singer uma suspeita contra qualquer defesa de que a humanidade tenha um lugar com autoridade especial no mundo. Ele argumenta: “A Bíblia nos diz que Deus fez o homem na Sua imagem. Devíamos ver isso como se o homem fizesse Deus na sua imagem.”¹⁰ O domínio, acredita Singer, é o primeiro exemplo do egoísmo humano mascarado pela vaidade espiritual – o lobo não na pele do cordeiro, mas na do pastor.

Mas esse tipo de argumentação mais cede terreno do que ganha. Em termos estratégicos, ao menos nos Estados Unidos, vale lembrar que nenhuma causa moral se tornou tão forte a ponto de não ter de dialogar com os dogmas religiosos. Animais evocam sensibilidades mais profundas que guiam a opinião pública, mesmo em nossa época secular. Aqui, mais do que em qualquer lugar, há argumentos em favor das criaturas.

Pessoas sérias e respeitáveis alertavam para a crueldade com diversos seres da natureza muito antes da elaboração de uma causa dos direitos dos animais. Em geral, eram pessoas com ideias mais voltadas para a religiosidade, de São Francisco de Assis a Moisés Maimônides e outros da tradição judaica. Hoje as coisas mudaram de figura: são ativistas seculares preocupados com animais contra pessoas mais religiosas defendendo a tradição e a sabedoria moral dos tempos. Fiquei abismado ao encontrar a oração de São Basílio, bispo de Cesareia, na Palestina, por volta do ano 375:

Ó, Deus, aumenta em nós o senso de companheirismo para com todos os viventes, nossos irmãos, os animais, a quem Tu deste a terra em comum conosco. Lembramos envergonhados que no passado exer-

ceamos o alto domínio do homem com uma crueldade implacável, e a voz da terra, que deveria subir a Ti como música, foi um bramido de tormento.¹¹

Certa vez perguntei a um amigo muito envolvido no movimento de direitos animais o que o levava a adotar a causa. Ele contou que desde criança não suportava a ideia de sofrimento dos bichos, da vulnerabilidade de qualquer criatura sujeita a maus-tratos. Ele não é religioso, segue o raciocínio de Peter Singer e outros teóricos e ativistas céticos ao tradicionalismo no que diz respeito a animais. E ainda assim, aquela convicção básica a levá-lo e a outros à causa soa mais verdadeira do que qualquer teoria. Outra época talvez visse nele sinais de uma vocação. Possivelmente a melhor forma de expressar isso tenha vindo de Santo Isaque, o Sírio, místico do século VII, ao se perguntar o que era um “coração caridoso”:

É um coração que chameja de amor por toda a criação, pelos homens, pelos pássaros, pelas feras (...) por todas as criaturas. Aquele que tem tal coração não pode ver ou pensar em uma criatura sem que seus olhos se encham de lágrimas por conta da imensa compaixão que captura seu coração; um coração suavizado, que não aguenta mais ver ou saber por outros do sofrimento, mesmo a menor das dores infligida a uma criatura. É por isso que esse homem nunca para de rezar pelos animais (...) comovido pela piedade sem fim que reina no coração daqueles que se estão unindo a Deus.¹²

É preciso procurar bem para encontrar essas passagens nos livros e textos religiosos da Antiguidade, embora seja certo que você os achará. Há uma longa tradição de benevolência com essas criaturas, mas que perdemos enquanto barganhamos sobre a ciência e os direitos dos animais.

O islamismo tem por princípio que “quem é gentil às criaturas é gentil a Deus”¹³ e o budismo traz a crença de “paz para todos os seres”, considerando a benevolência com os animais como uma virtude tanto

quanto a tolerância, a confiança, a liberalidade e a pureza.¹⁴ Plutarco, o filósofo grego do século I, escreveu sobre uma criação de animais de sua época: “por um pouco de carne, nós os privamos de sol, luz e da duração da vida a que tinham direito pelo nascimento e a existência.”¹⁵ Na *Utopia* de Thomas More, o abate é deixado para os escravos por medo de que, se os cidadãos o fizessem, “a prática da misericórdia, o sentimento mais refinado da natureza humana, fosse gradualmente abatida”.¹⁶ No mesmo livro, a caça esportiva é banida, como “indigna de homens livres”.¹⁷ Quem vivia em Utopia “não acreditaria que a clemência divina tivesse prazer com o banho de sangue e a carnificina, uma vez que se tenha dado vida a essas criaturas animadas para que gozassem de felicidade”.¹⁸ Tolstói também cita, em *Ressurreição*, um mundo de gente enclausurada por si própria, incapaz de ver que “cada homem e cada criatura viva tem um direito sagrado ao júbilo da primavera”.¹⁹

O fundador da Igreja Metodista, John Wesley, foi além de todos eles, ao encontrar “uma contrariedade à justiça de Deus no sofrimento de um sem-número de criaturas que jamais cometeram pecado digno de tão severa punição”. Em seu sermão “A libertação geral”, chega a se perguntar se alguma misericórdia divina não deve estar, do outro lado, à espera desses seres maltratados: “de que adianta insistir num assunto que conhecemos tão pouco? Nossos corações podem se estender a essas pobres criaturas ao refletirmos que, más como podem parecer a nossos olhos, nenhuma foi esquecida na visão de nosso Pai no céu.”²⁰ Um século atrás, o cardeal John Henry Newman, uma das grandes figuras católicas, perguntava:

Então o que emociona nossos corações e nos enoja na crueldade aos pobres brutos? (...) Não nos fizeram mal nem têm poder para resistir; é a covardia e a tirania dos que lhes fazem de vítimas o que torna seu sofrimento especialmente tocante. A crueldade com animais é como se o homem não amasse a Deus. (...) Há algo de muito tenebroso e satânico em atormentar aqueles que nunca nos prejudicaram, que não podem se defender, que estão inteiramente em nosso poder.²¹